
Manifestações Liminares na Virada Cultural

Rodrigo Valentim Chiquetto



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/618>

DOI: 10.4000/pontourbe.618

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Rodrigo Valentim Chiquetto, « Manifestações Liminares na Virada Cultural », *Ponto Urbe* [Online], 12 | 2013, posto online no dia 31 julho 2013, consultado o 21 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/618> ; DOI : 10.4000/pontourbe.618

Este documento foi criado de forma automática no dia 21 Abril 2019.

© NAU

Manifestações Liminares na Virada Cultural

Rodrigo Valentim Chiquetto

- 1 A Virada Cultural agrega milhares de pessoas no centro de São Paulo todos os anos. O evento conta, sempre, com grandes shows de bandas nacionais e internacionais, com apresentações de teatro, dança, e tantas outras performances que ocupam os principais palcos e agregam grande público.
- 2 Se pensarmos na Virada Cultural como um grande evento estruturado, que é composto por meio de uma ordenação específica do Centro de São Paulo, é possível, também, refletir sobre as diversas ações anti-estruturais que o questionam e o movimentam: ações que, como diria Victor Turner, se dão nos interstícios, que criam brechas na ordem e alteram os padrões da vida social.
- 3 Há grande diversidade de manifestações que ocorrem nos interstícios da Virada Cultural. Em maior ou menor grau, estas manifestações podem gerar desconforto para aqueles imersos nos caminhos estruturados do evento. Isso porque têm como um de seus principais ingredientes a imprevisibilidade. Podem surgir num rápido fluxo e se desmancharem, ou somente se alocar em algum ponto mais escuro, a espera de um representante da ordem que venha colocar tudo em seus devidos lugares – algo que, na Virada, é muito raro, uma vez que se trata de um evento grande demais e, portanto, difícil de ser vigiado.
- 4 É claro que cada uma dessas ações anti-estruturais carrega características próprias, apresentando, portanto, diferentes formas de crítica e questionamento. Podem ser mais ou menos violentas, mais ou menos performatizadas, estar alocadas em lugares mais ou menos isolados. Serem mais ou menos “liminóides”. Pretende-se, com esta narrativa, abordar algumas destas situações, demonstrando sua diversidade e seus variados modos de impactar na estrutura do evento.
- 5 ***
- 6 Iniciamos nossa caminhada na estação de República do Metrô e, logo que saímos, reparamos num pequeno aglomerado de pessoas que assistia a uma roda de dança de

rapazes vestidos com roupas referentes a algum povo indígena. Eles cantavam e dançavam na calçada da avenida, atraindo espectadores e vendendo seus CDs. Tratava-se de um palco “paralelo” da Virada e que, por ser um tipo de apresentação já muito familiar, não assustava a ninguém. De fato, para aqueles que caminham cotidianamente no Centro de São Paulo, este tipo de performance é algo corriqueiro.

- 7 Andamos um pouco mais, passamos por barracas de pasteis, vitrines e bares. Até que visualizamos uma cena inusitada: um rapaz tirava foto de outro, que segurava uma placa na qual estava escrito “Feliciano não me representa”. Trata-se de uma ação do “Reverso Coletivo”, que buscava problematizar a ação do parlamentarista conservador Marco Feliciano, recém eleito presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias do Congresso Nacional. Estavam presentes três representantes do coletivo e sua ação consistia em convidar passantes para tirar fotografias com a placa. O passante escolhia um dos lados: “Feliciano me representa” ou “Feliciano não me representa” e a foto ia para o Facebook do Reverso Coletivo. A idéia do grupo era mostrar como a esmagadora maioria das pessoas era contrária ao Parlamentar – e estavam tendo sucesso até o momento.
- 8 Mais adiante chegamos num trecho da Avenida São João ocupado por vendedores de artesanato que expunham sua mercadoria no calçadão. Eram vendedores cujas vestimentas e produtos faziam menção a estética *riponga* ou *rastafári*. Vestiam roupas surradas, tinham cabelos desarrumados e vendiam colares, brincos, pulseiras de tecido ou madeira. Agrupavam-se num ponto com menor iluminação e, quando perguntei para um vendedor se estariam por ali a noite toda, foi-me respondido: “até a polícia passar e tirar a gente daqui”.
- 9 Não era raro, em nosso percurso, nos depararmos com barracas de acampamento distribuídas nos locais mais escuros. Havia, entre as barracas, mas também embrulhados em cobertores ou sobre colchões desgastados, nas sarjetas do Centro de São Paulo, muitos mendigos que eram ignorados pela maior parte das pessoas que circulava pela Virada. Eles pareciam retribuir, agindo como se nada acontecesse à sua volta, ou mesmo dormindo ao lado dos grandes palcos, como se tudo estivesse em absoluto silêncio. Era uma relação estranha de distanciamento, como se dois mundos completamente distintos coexistissem sem se tocar. A Virada Cultural tinha chegado até suas casas e, por esta noite, eles deveriam lidar com isso.
- 10 Foi a partir das 22h que começaram os arrastões. O primeiro que vimos foi na Praça da Sé: um grupo de rapazes passou correndo por algumas pessoas. Teve início uma violenta troca de socos e pontapés que durou somente alguns segundos e rapidamente se desfez na multidão. Por volta das 23h30, quando me dirigia para a estação Anhangabaú do metrô, presenciei outra cena similar: uns 15 meninos, baixos e magros, vestindo roupas surradas e, eventualmente, um agasalho de moletom ou um boné, correndo em bloco, passaram por três moças, bem arrumadas, e arrancaram seus celulares e bolsas. As meninas ficaram paradas por alguns instantes, como que se recuperando do susto, e logo que viram que nenhum policial agiria, foram atrás dos meninos, junto com alguns outros rapazes que pareciam estar com elas, dando início a mais uma rodada de socos, pontapés e puxões de cabelo. No momento seguinte, umas 30 ou 40 pessoas passaram correndo por mim, em direção à briga, no que pareceu ser um movimento típico de linchamento.
- 11 Os arrastões foram o grande tema dessa Virada Cultural. No dia seguinte todas as páginas de notícias da internet anunciavam o altíssimo número de ocorrências deste tipo no evento. Um general da Polícia Militar convocou uma audiência para explicar o alto índice de violência, que logo foi desmarcada pela prefeitura. Dizia-se que todos os hospitais e

delegacias do centro amanheceram cheios de vítimas, e histórias foram contadas por vários amigos que vivenciaram arrastões. Em geral, as narrativas descreviam para o susto e a violência destas ações. A fórmula era sempre a mesma: a vítima andava distraída pelo centro quando, de repente, um grupo de meninos vinha em fluxo, rendia aqueles que estavam em seu caminho (ou com ameaças de agressão ou com armas), pegavam todos os seus objetos de valor (celulares, carteiras, jóias) e ia embora. A polícia nunca reagia.

12 ***

13 Este relato de campo buscou apresentar algumas iniciativas liminares que puderam ser observadas na Virada Cultural 2013.

14 Algumas considerações podem ser feitas:

15 A apresentação de dança indígena, as sessões de foto do “Reverso Coletivo” e a venda de artesanato dos *ripongassão* todas ações que se dão nos interstícios do evento: paralisam, por um instante, aqueles que estão de passagem pelas ruas do centro, em busca da programação oficial. Ali podem se dar situações inesperadas, assim como podem surgir diálogos sobre assuntos que não estejam, necessariamente, na programação “oficial”. Nesse sentido, somente o ato de paralisar o fluxo normal dos acontecimentos já denota uma possibilidade de liminaridade. Mas trata-se de uma “parada” que já está no registro do cotidiano, uma vez que apresentações indígenas, sessões de foto e banquinhas de artesanato são comuns no dia-a-dia do paulistano. Além disso, o ato de “parar para ver”, mesmo que num lugar onde não se deveria parar, é o ato, por excelência, da Virada Cultural. Ou seja, estas ações subvertem o lugar, mas não alteram o padrão.

16 A grande presença de mendigos nas sarjetas da Virada também produz uma situação incomum. O Centro da cidade, por ser uma área comercial, se esvazia durante a noite, abrindo espaço para estes atores. O mendigo é um ator, por excelência, liminar: ao dormir na rua, faz de sua casa um espaço que, para a maioria das pessoas, é de passagem. Sua pobreza afasta a maioria das pessoas, pois aparece como algo “sujo”, “fora do lugar”. Sua presença é tão extraordinária que a reação da maioria das pessoas é, simplesmente, ignorá-los, assim como sua reação é de ignorar tudo o que acontece a sua volta. É uma anti-estrutura tão radical, que não entra em contato com a estrutura.

17 Os arrastões, por outro lado, foram as ações que mais impactaram o andamento do evento. Trata-se de um rompimento violento do andar natural das coisas, um momento-chave para entendermos as contradições presentes na Virada Cultural e que trazem à tona as contradições da própria cidade de São Paulo.

18 O arrastão é, de todas as ações descritas, aquela que se caracteriza por ser, de fato, um irrompimento da anti-estrutura na estrutura. Poderia ser lido, ainda evocando a teoria de Turner, como uma *communitas espontânea*, ou seja, uma ação liminar de um grupo de pessoas que, naquele instante, estão absorvidas pelo fluxo daquela situação, agindo como se fossem um só. Num grande evento que busca uma ordenação específica do centro, incorporando em si, também, modos alternativos de interação com o espaço, o arrastão aparece como a inversão total da lógica ali presente. Ao invés de se dar a partir de uma parada no fluxo, como todas as ações descritas acima, ele consiste num aumento da intensidade do fluxo para obter sucesso. Além disso, ele retira os bens das pessoas, num momento em que todos ali estariam ganhando algo – por meio das diversas trocas que se dão na virada. Ele é a entrada agressiva de uma cidade que não se contenta mais, tal qual os mendigos em suas sarjetas, em ser simplesmente isolada do resto: são meninos que,

agora, participam da dinâmica, expressando, em suas próprias ações, o contraditório, por meio de uma manifestação liminóide.

AUTOR

RODRIGO VALENTIM CHIQUETTO

Mestrando em Antropologia Social e membro do LabNAU/USP